



BRUNO, Fátima Teves Cabral (Org.). **Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática**. São Carlos: ClaraLuz, 2005.

Ana Cecília Fonseca (PPGEL-UFMT)
anaceciliafm@gmail.com

A presente resenha foi produzida a partir da leitura do livro “*Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática*”, organizado por Fátima Cabral Bruno e publicado pela editora ClaraLuz de São Carlos em 2005.

- **Capítulo 1**

YOKOTA, Rosa. *Aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras – aspectos teóricos*.

Rosa Yokota é professora Associada 1 da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), licenciatura em Letras Português Espanhol (1993) pela Universidade de São Paulo (USP), onde mais tarde concluiu o mestrado em Linguística (2001) e doutorado em Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americ.) (2007).

O artigo “Aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras – aspectos teóricos”, de Rosa Yokota, apresenta na introdução uma reflexão acerca da pergunta: como se aprende uma língua? Levanta outro questionamento também sobre quais as dificuldades são encontradas no ambiente da sala de aula de línguas. O artigo traz um panorama de várias teorias de aquisição de línguas, e faz reflexões sobre suas afetividades e contribuições.

Apesar dos primeiros trabalhos sobre o ensino de línguas estrangeiras terem surgido apenas no início do século XX, a autora destaca que esses estudos ainda têm viés teórico dentro da psicologia condutivista ou comportamentalista e não estão dirigidos à análise do sistema não nativo de língua. Somente a língua materna e a língua alvo/meta eram estudadas e comparadas exaustivamente para “prever” e evitar os erros na produção em língua estrangeira ou segunda língua.



Autores citados no capítulo como Lado (1957) e Weinreich (1953), defendiam a ideia de que as interferências da língua materna na segunda língua eram erros. Para a autora essa abordagem fez com que fosse deixada de lado a possibilidade de se estudar a produção do aluno em segunda língua/língua estrangeira como um sistema. Já que o foco até meados do século XX era apenas a análise contrastiva. Wardhaugh (1970) propõe abandonar a ideia de “prever” o erro e passar a “explicá-los”.

A partir da adoção da ideia de linguagem como atividade criativa (Chomsky, 1959) que o sistema não nativo ganhou estatuto de linguagem. A gramática gerativa apresentou uma mudança significativa de perspectiva na abordagem dos problemas da linguagem. O objetivo da pesquisa deixou de ser o comportamento linguístico ou os produtos desse comportamento e passou a ser os estados da mente/cérebro que fazem parte de tal comportamento. O ponto crucial da pesquisa passou a ser o conhecimento da língua: a sua natureza, origem e uso.

Yokota aponta que as contribuições de Corder (1967), a respeito dos erros sistemáticos na produção não nativa, foram um passo importante para a inauguração de uma nova etapa no estudo da aprendizagem de LE e L2. A autora apresenta ainda que a “língua” utilizada pelo falante não nativo passa a ser objeto de estudo e recebe, concomitante, os nomes de “sistema aproximado” (Nemser, 1972), “dialeto idiossincrático” (Corder, 1971), e “interlíngua” (1972).

A autora apontar o estudo de Gass (1988) e, segundo esta, é possível distinguir três etapas ou fases na pesquisa sobre a aquisição/aprendizagem de segundas línguas. São elas: aceitação total da transferência da LM como fator mais importante que atua no processo de aquisição/aprendizagem de L2; minimização ou negação quase absoluta do papel da LM no processo de aquisição/aprendizagem de L2; redefinição do papel da transferência da LM, que postula uma interpretação relativizada do fenômeno, apontando-o como um dos fatores não mais o único, na questão da aquisição de L2.

Yokota afirma que o conceito de interferência é básico para a Hipótese da Análise Contrastiva. Diz-se que há interferência quando um indivíduo utiliza em uma



língua meta (L2) uma característica fonética, morfológica sintática ou léxica específica de sua língua nativa (L1). Por outro lado, Yokota diz que este conceito teve que ser revisado, pois diversos estudos empíricos concluíram que a porcentagem de interferência interlinguística não era, de um ponto de vista quantitativo, suficiente para outorgar-se o estatuto de única fonte de desvios detectados.

Nas três fases de Gass (1988), que Yokota exhibe, são apresentados alguns conceitos e teorias. Na fase 1: Análise contrastiva e transferência, é apresentado o modelo da Análise Contrastiva que dentro do quadro de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira se fundamenta nos trabalhos de Fries (1945) e Lado (1957), que apoiando-se no behaviorismo e no distribucionismo, propunham uma comparação sistemática de duas línguas, a língua nativa do estudante e a língua a ser aprendida. E a partir do contraste linguístico se poderia chegar à determinação das diferenças e semelhanças entre línguas. Essa abordagem vê a aquisição de L2 como um processo de formação de hábitos.

Na fase 2: Estudos sobre a interlíngua e a aquisição/aprendizagem de L2, são apresentados 3 estudos importantes para a formação de professores de língua estrangeira. Dulay e Burt (1974) tentava identificar regularidades universais e existentes na aquisição da sintaxe de L2 por crianças de diferentes nacionalidades a partir da análise de erros de suas produções em inglês e do estudo da aquisição de dados gramaticais. As autoras afirmam que, apesar da limitação de sua pesquisa, os resultados provam que é válida a hipótese da “construção criativa”. Outro trabalho de repercussão, dessa vez na sociolinguística, foi desenvolvido por Schumann (1976), que fez uma análise longitudinal da interlíngua de um adulto natural da Costa Rica que se encontrava no EUA como imigrante. Schumann defende a existência e persistência de *pidginização* na aquisição de L2, uma vez que as L2s, nos seus níveis iniciais, apresentam características na aquisição das línguas *pidgin*, como a falta de morfologia flexiva e transformações, bem como tendência a evitar a redundância, características que normalmente desaparecem de forma progressiva nas etapas posteriores. Mas foi o estudo Krashen, na década de 70, que mais repercutiu com a postulação das suas cinco



hipóteses sobre a aquisição de L2. O modelo Krashen discute os mecanismos pelos quais esta capacidade atua. São elas: Aquisição e aprendizagem; Ordem Natural; *Input*; Monitor e Filtro afetivo. O trabalho de Krashen foi fundamental, de acordo com Yokota, para o estudo de L2 por adultos e minimiza o papel da LM nos processos de aquisição. Esse “processo natural” está totalmente regido pela e para a língua alvo, prioriza a comunicação e a compreensão desvinculadas da reflexão consciente da gramática e defende a relevância de fatores ambientais e afetivos para o sucesso ou não de quem esteja adquirindo ou aprendendo uma L2.

Por fim, na fase 3: A relevância do papel da LM na aquisição de L2, Yokota expõe que Gass e Selinker (1983, apud González 1994) publicam o estudo *Language transfer in language learning* que traz apontamentos de como a Hipótese da Análise contrastiva e a Hipótese das construções criativas terem sido vista como incompatíveis e rivais empobreceu e obscureceu a discussão sobre o tema. Não se trata mais da mesma AC da década de 50, mas de sua reconstrução num plano teórico mais elevado.

O artigo de Yokota vem contribuir com os estudos de aquisição de segunda língua, bem como orientar professores de línguas acerca das teorias linguísticas que mais auxiliam na compreensão processos de sala de aula de línguas.

É importante, como a autora destaca, mostrar que foram os estudos de Chomsky (1959) que renovaram e/ou construíram a ideia da linguagem como atividade criativa e inerente ao homem. Na década de 1950, Chomsky propôs um novo entendimento sobre o processo de aquisição de linguagem, e a partir da teoria da Gramática Universal, alicerçando a recursividade linguística e a criatividade do falante como processos fundamentais em todas as línguas.

A construção e desconstrução do conceito “erro” em segunda língua, por meio de vários autores e abordagens contribui com as novas práticas de ensino/aprendizagem de língua, pois o erro não é mais considerado algo agramatical, mas sim um desvio que pode ocorrer por várias razões: desconhecimento das estruturas linguística da L2, tentativa-erro-acerto, esquecimento entre outros.



- **Capítulo 2**

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Modelo fractal de aquisição de línguas.*

Vera Lúcia em seu artigo faz uma breve revisão de alguns modelos de aquisição de segunda língua. A autora busca propor um modelo baseado na teoria dos sistemas complexos ou teoria do caos, pois os modelos já existentes são compatíveis com uma teoria fractal de aquisição de línguas. O raciocínio construído no artigo é o de que cada um desses modelos deveria um dos aspectos desse sistema complexo de aquisição de línguas. A linha de pensamento de Vera Lúcia é interessante se analisarmos que nos processos de aquisição de uma língua adicional diversos são os fatores (social, emocional, geográficos, escolaridade etc.) que contribuem para o sucesso ou insucesso do indivíduo.

Paiva levanta a ideia de que os modelos de aquisição postulados por Mclaughlin (1987), Ellis (1985), Brown (1993), Ehrman (1996) não contemplam individualmente todos os processos envolvidos na aquisição de uma língua e, muito menos, de uma língua estrangeira. Esses modelos para a autora são visões fragmentadas de partes de um mesmo sistema.

Paiva cita Almeida Filho (1993) quando este fala que língua estrangeira é um conceito complexo que o professor precisa contemplar, e sobre ele, refletir, no exercício da profissão. Mas é Larsen-Freeman (1997), para Paiva que destaca a ideia da complexidade e o estudo de línguas. Larsen-Freeman foi quem primeiro tratou dessa complexidade à luz da teoria dos sistemas complexos ou teoria do caos.

Paiva apresenta o conceito da teoria do caos: pequenas mudanças podem resultar em grandes diferenças e que há uma ordem subjacente a tudo que nos rodeia. A teoria tenta explicar que e resultados complexos e inesperados podem ocorrer, e ocorrerão, em sistemas que são sensíveis às suas condições iniciais.



A autora aprofunda mais alguns aspectos da concepção de Larsen-Freeman que afirma que há várias evidências da existência de semelhanças entre a ciência do caos/complexidade e a aquisição de segunda língua: a dinamicidade do processo de aprendizagem; sua complexidade; a não-linearidade; a sujeição a atratores; e a auto-organização da interlíngua, que está em constante processo de reestruturação, e se explica pela sensibilidade do sistema *feedback*.

Vygotsky, lembra Paiva, bem antes do surgimento da teoria dos sistemas complexos na década de 20, já teorizava que o pensamento verbal é uma entidade dinâmica e complexa e seu desenvolvimento um percurso complexo com múltiplas variações e “uma variedade infinita de movimentos progressivos e regressivos, de caminhos que ainda desconhecemos” (Vygotsky, 1987).

Motivada pela teoria da complexidade, Paiva segue por essa linha de pensamento e cita Erickson (1986) “a pesquisa positivista em educação pressupõe que a história se repete, ou seja, que o que pode ser aprendido a respeito dos eventos passados e generalizável para os eventos futuros – nas mesmas situações e em situações diferentes.” Para a ciência da complexidade, a natureza é um sistema complexo e, dentro dele, convivem outros sistemas igualmente complexos. Para Paiva é promissor pensar a aprendizagem de línguas como um desses subsistemas dinâmicos e complexos e, assim, tentar explicar tanto segunda língua (SL) como LE.

A autora cita várias teorias de aquisição tais como: o modelo behaviorista, a hipótese do input de Krashen, as ideias de Hatch (1978), Swain (2000), Schumann (1978), e afirma que essas teorias sobre aquisição têm pensado a aquisição dentro de uma ótima linear e mecanicista da previsibilidade. A contrapartida de Paiva é de que a aprendizagem, não é processo linear e, portanto, não pode ser tão previsível quanto tem sido hipotetizado em alguns modelos de aquisição, diferenças mínimas podem produzir resultados diferentes.

Paiva propõe no artigo um modelo fractal, um sistema dinâmico complexo. Ele é composto de subsistemas igualmente complexos e dinâmicos. Ela coloca o elemento



bio-cognitivoafetivo como centro de seu esquema e relaciona a ele, em formato de colmeia, a *interação-input*, *contexto sócio-histórico*, *motivação*, *afiliação*, *automatismo*, e *interação*. Ainda afirma a autora, que esse posicionamento pode ser alterado já que é um sistema dinâmico. Cada subsistema se subdivide em vários outros fractais, representando variáveis que podem afetar todo o sistema de forma imprevisível, pois não são entidades estanques, segundo Paiva.

Paiva termina seu artigo refletindo que pensar a aquisição de línguas sob o prisma dos sistemas complexos leva a concluir que o professor deveria permitir que a criatividade de seus alunos aflorasse em vez de impor a sua própria forma de aprender ou suas crenças sobre a aquisição de uma língua.

• Capítulo 4

GONZÁLEZ, Neide T. Maia. *Quantas caras tem a transferência? Os clíticos no processo de aquisição/aprendizagem do Espanhol/Língua Estrangeira.*

Gonzáles possui graduação em Letras pela Universidade de São Paulo (1971), graduação em Licenciatura pela Universidade de São Paulo (1971) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1994). Atualmente é professora doutora da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: aquisição/aprendizagem, interlíngua, transferência, ensino/aprendizagem do espanhol, ensino/aprendizagem de língua estrangeira, gramática contrastiva e ensino do espanhol a brasileiros.

Em seu artigo, a autora traz na introdução um questionamento sobre o ensino do espanhol como segunda língua: Como se dá, na produção de aprendizes de espanhol adultos, falantes do português brasileiro, o aparecimento de um conjunto muito grande de construções, que envolvem o emprego de uma forma pronominal tônica ou átona, plena ou nula?



A partir dessa temática, a autora aborda conceitos acerca do processo de aquisição/aprendizagem. Ela assume uma postura contrastiva, atribuindo à língua materna um papel importante nesse processo.

A autora concorda Lightfoot (1991), que um organismo experiencia o meio circundante e seleciona estímulos relevantes, de acordo com critérios que já estão presentes internamente. É nessa relação que o contraste entre línguas em confronto ganha sentido, segundo Gonzáles.

Ao incorporar o contraste entre as línguas, a autora assume a hipótese de que nos processos de aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras podem ocorrer fenômenos de transferência. Neste ponto do artigo, Gonzáles apresenta uma atualização do conceito de transferência linguística, já que para ela esse conceito tem seus pressupostos na Análise Contrastiva inicial.

Gonzáles afirma que a transferência não é mais a única fonte de eventuais problemas nos processos de aquisição/aprendizagem de línguas segundas. A autora cita Corder (1983) e a distinção que este fez sobre os processos de transferência, há os casos de empréstimo linguístico (*borrowing*), segundo o autor fenômenos de *performance* (atuação, uso) que ocorrem por pressões do ato comunicativo, dos casos de transferência propriamente dita, está um fenômeno de caráter cognitivo, que ocorre no nível do *intake* e determina os processamento dos dados *input* a partir de mecanismos internos, entre os quais se incluem diversos fatores.

A autora relata que em sua pesquisa, a partir da análise de dados, os fenômenos de interferências apareceram de maneira muito variada e não como se pensava, como uma simples transposição, com efeitos positivos ou negativos. No primeiro caso de interferência relatado por Gonzáles, há uma tendência indiscriminada ao preenchimento do sujeito, com perda de valores, em geral contrastivos, por vezes associados ao aparecimento do sujeito pronominal no espanhol e às vezes com efeitos complicados sobre as relações anafóricas e a co-referência. Para a autora, há uma dificuldade por parte do aprendiz, em deslocar-se das características de sua língua materna (português).



Exemplo: “Entrega (ø) a Berta el paquete de revistas que está sobre la mesa, pues ella (ø) necessita hoy mismo”.

No tópico “A outra cara da interferência. A transferência às avessas”, a autora relata que encontrou muitos casos de generalização livre (*free generalization strategy*): super-generalização e distorção de regras da segunda língua. Os clíticos começam a aparecer em abundância na produção dos aprendizes. Isso pode ocorrer, constata Gonzáles, pela força de estratégias automatizantes empregadas na instrução formal a que são submetidos. Podemos entender que são as práticas pedagógicas que muitas vezes reforçam essa generalização que ocorre em sala de aula.

O artigo de Gonzáles cunhado na análise contrastiva contribui para as práticas de ensino/aprendizagem de línguas, já que a autora relata casos de interferências linguísticas que ocorrem com falantes aprendizes do espanhol e julga que o redimensionamento do papel da língua materna na aquisição de línguas segundas como um fator cognitivo no processo merece ser considerado pelos pesquisadores dessa área.

A autora não usa com tanta clareza o conceito de interferência linguística como um fenômeno consistente. Uriel Weinreich, no livro *Languages in contact* (1953), apresenta um dos primeiros conceitos de interferência, defendendo a interferência da língua materna como causa de erros no uso da língua adicional, segundo Weinreich “é a influência de uma língua sobre outra, produzindo nesta última estruturas agramaticais”. Para o autor, o alcance das interferências independe da distância entre as línguas. (WEINREICH apud MONTEIRO, 2010, p.59).

Os capítulos resenhados contribuem fortemente para os interessados nos processos de aquisição de línguas. As três autoras aqui citadas abordam de maneira consistente sobre as teorias e/ou aspectos de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras já existentes, mas todas acrescentam a essas teorias visões atualizadas e relevantes, o que faz com que os leitores dessa obra tenham uma grande noção das novas questões em debate dentro da linguística aplicada.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 25 • Jul 2018/

R E S E N H A S

Referências

BRUNO, Fátima Teves Cabral (Org.). **Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática**. São Carlos: ClaraLuz, 2005.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Aquisição de segunda língua**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact: Findings and Problems**. In: Linguistic Circle of New York. Nova Iorque, 1953.

Recebido Para Publicação em 10 de maio de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de junho de 2018.